

## **DIA 26/10/2010**

A NECESSÁRIA OPÇÃO PELA ESCOLA PÚBLICA -----	5
ALUNOS QUE APRENDEM MAIS DEPRESSA E ALUNOS QUE APRENDEM MAIS DEVAGAR: A ADMINISTRAÇÃO DE RITMOS NA ESCOLA -----	7
O CINEMA E A MULTIDISCIPLINARIDADE -----	8
O PROFESSOR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM TRABALHADOR DA CONTRADIÇÃO -----	9
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALINHANDO O DISCURSO À PRÁTICA, AJUSTANDO OS DESALINHOS -----	11
É POSSÍVEL VIVER SEM MATEMÁTICA? A CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO MATEMÁTICO DO PROFESSOR E DO ALUNO -----	13
CONSUMISMO NA INFÂNCIA X A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR -----	15

## **DIA 27/10/2010**

DISLEXIA, DÉFICIT DE ATENÇÃO, HIPERATIVIDADE E A MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO -----	17
O CINEMA E A MULTIDISCIPLINARIDADE -----	18
A LACUNA ENTRE A CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA E AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS/SOCIAIS -----	19
A TUTORIA NA ESCOLA PÚBLICA: FUNÇÃO E POSSIBILIDADES -----	20
LINGUAGENS: TRANSFORMANDO ALUNOS AUTÔMATOS EM ALUNOS AUTÔNOMOS -----	22
CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL -----	23

## **DIA 28/10/2010**

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: FALTA DE LIMITES, DE VALORES, DE ÉTICA? -----	25
PRÁTICAS RESTAURATIVAS: RESOLVENDO CONFLITOS E VIOLÊNCIAS ENVOLVENDO OS ALUNOS DENTRO E FORA DAS ESCOLAS -----	27
PROJETOS EDUCACIONAIS NA REDE PÚBLICA DO ENSINO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: CONSTRUÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO -----	28
UNIDADE NA DIVERSIDADE: A INCLUSÃO PODE DAR CERTO -----	29
A HISTÓRIA E A CULTURA AFRICANAS NO DESENVOLVIMENTO DO POVO BRASILEIRO - LEI nº 10.639/03 -----	31
POR QUE SOBRAM VAGAS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES? -----	33
ALFABETO CORPORAL: UMA NOVA FORMA DE LINGUAGEM -----	35

## **DIA 29/10/2010**

PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO DO ESTRESSE NA ESCOLA -----	37
A ATUAÇÃO DOS SINDICATOS E O COMPROMISSO COM A ESCOLA PÚBLICA -----	38
CIDADANIA E LITERATURA NA ESCOLA -----	39
O FEMININO E A PROFESSORA: A MULHER E O TRABALHO DOCENTE -----	40
OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO/ATUAÇÃO DOCENTE FACE ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO -----	42
EDUCAÇÃO FÍSICA: COMPETIÇÃO E/OU COOPERAÇÃO -----	44
A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA COMO FORMA DE EXPRESSÃO E REGISTRO -----	48

## **Tema: A NECESSÁRIA OPÇÃO PELA ESCOLA PÚBLICA**

\* **Pedro Demo**

A escola pública, em especial no ensino fundamental, abrange 90% dos estudantes brasileiros, o que lhe empresta significado avassalador na formação escolar e cidadã. Não tem tido desempenho adequado, também porque não se lhe garante apoio suficiente, também para os professores. Em certa medida, ainda é escola pobre para o pobre, em particular nos grandes interiores do país.

A alfabetização se dá, na proposta do Ideb, em até três anos, ignorando-se que toda criança se alfabetiza em um ano, desde que possa frequentar uma escola minimamente aparelhada, principalmente com bons professores. Talvez seja este um dos traços mais deprimentes da escola pública: nela é comum que a alfabetização não aconteça de maneira adequada, até porque o aluno que gasta três anos para se alfabetizar, não se alfabetiza bem e tende a não manifestar mais desempenho mínimo. Esta precariedade, no entanto, não desfaz, em nada, a importância estratégica da escola pública.

Dentro da defesa da escola pública consta, sempre, a indicação de que deveria ser a única escola existente no país, já que educação não se vende, nem se compra. Nosso modelo, todavia,

se curvou ao espírito capitalista de privatizar a educação, num cenário extremamente contraditório: a iniciativa privada não se interessa pela educação fundamental, restringindo-se a atender a elite (10% dos alunos), mas é ávida no ensino superior, onde impera sobre a oferta pública. A elite, no entanto, não aprecia a oferta privada no ensino superior: faz de tudo para frequentar uma universidade federal (ou algumas estaduais), e de graça.

Na universidade, ademais, formam-se nossos formadores, em geral muito mal formados, o que já demonstra que os profissionais da educação não são convenientemente valorizados. Reconhece-se que por volta de 80% do valor do salário depende da educação (anos de estudo), mas isto não basta para reconhecer o quanto professor é estratégico e deveria desfrutar de dignidade social inequívoca.

Da escola pública depende a cidadania popular e a oportunidade de vida da grande maioria dos alunos. Investir em sua qualidade, em especial valorizar seus professores, é necessidade fatal.

\* **Pedro Demo**, PhD em Sociologia, Alemanha, 1971; Professor titular aposentado e emérito da Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Sociologia

# A centralidade das políticas para a formação de professores

César Augusto Minto

O tema "A necessária opção pela educação pública" (ótima escolha do SINPEEM) implica considerar, entre outros, o recorte aqui proposto: as políticas adotadas por sucessivos governos para "formar professores" (especialmente em São Paulo, mas não só).

A importância da formação de docentes é inquestionável, pois a atuação do professor é essencial na formação de profissionais, seja para o magistério ou para as demais áreas laborais. O objeto do trabalho docente envolve informações, saberes e, por óbvio, metodologias desejáveis na lida com esses quesitos, que não têm validade por si, mas exigem contextualização / atualização; ou seja, tratamento pedagógico adequado. Sem isto, corre-se o risco de ignorar o potencial cognitivo dos estudantes ou pouco contribuir para que o acesso a informações e conhecimentos seja significativo para os estudantes, o que pode comprometer - mesmo que involuntariamente - o direito destes à educação.

E não é lícito desconhecer que o ensino se constitui de duas dimensões indissociáveis, aqui dissociadas apenas para efeito didático, pois transmissão de informações e construção de conhecimentos são dois lados de uma mesma moeda; vale dizer, sem o equilíbrio entre essas duas dimensões dificilmente haverá aprendizagem, porque da intenção do ensino não resulta, ne-

cessariamente, na aprendizagem esperada.

Se, por um lado, a construção de saberes depende da transmissão de informações, por outro lado, o privilégio desta pode resultar apenas em treinamento / adestramento, ao invés de agregar prerrogativas de autonomia intelectual e, no limite, de cidadania. A formação de docentes é tarefa ampla e complexa, exigindo investimento constante por meio de políticas públicas, mas o que temos visto tem sido preocupante, senão vejamos.

Desde os primórdios do século passado até hoje, o suprimento de docentes nas escolas brasileiras tem passado por várias "adaptações": expansão das escolas normais, cursos rápidos de suprimento formativo, complementação de formação de origens diversas, autorizações especiais para exercício do magistério a não licenciados, admissão de professores leigos, licenciaturas curtas, licenciaturas no modelo "3 + 1", previsão de formação de professores em nível superior e permissão da improvisação de professores por meio do ensino à distância. Tem vigorado um quadro de improvisação e de precariedade...

Isso posto, destaco alguns aspectos assaz preocupantes que têm permeado as políticas para formação de professores: desresponsabilização do poder público, expressa em especial na insuficiência de recursos; "polianismo" autofágico; desfaçatez epistemológica; descompromisso po-

lítico; descaracterização da função social da educação escolar; inadequação pedagógica/metodológica.

Estes aspectos carecem de intervenção urgente (que é diferente de pressa) dos setores or-

ganizados da sociedade civil, dentre os quais do próprio SINPEEM.

\* **César Augusto Minto**, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp-EDA)

## **Tema: ALUNOS QUE APRENDEM MAIS DEPRESSA E ALUNOS QUE APRENDEM MAIS DEVAGAR: A ADMINISTRAÇÃO DE RITMOS NA ESCOLA**

\* **Silvia M. Gasparian Colello**

Nas salas de aula, a comparação entre ritmos de aprendizagem parece ser uma tendência inevitável. Partindo dos princípios de que os alunos têm a mesma idade, os mesmos professores e de que frequentam a mesma escola, muitos educadores acabam questionando e até se surpreendendo com a diversidade dos resultados.

Ora, a expectativa de uniformidade no desempenho dos alunos só faz sentido em uma ótica empirista (lamentavelmente tão arraigada na escola tradicional) que opera na lógica do "toma lá, dá cá", isto é, a aprendizagem como resultado natural do ensino. Acredita-se que a progressão do saber é controlada passo a passo, a partir dos blocos de conteúdo ministrados pelo professor. Daí o estranhamento quando o estudante não acompanha o ritmo do grupo, o que, não raro, é explicado por argumentos que culpabilizam o

aluno. Trata-se de uma concepção reducionista porque não leva em consideração a complexidade do aprender nas suas dimensões sociocultural, afetiva, pedagógica e política.

Ao focar as dimensões sociocultural e afetiva da aprendizagem, constata-se que a diversidade está não só nos saberes prévios dos alunos, mas também nas razões para aprender e no modo como enfrentam as conseqüências da aprendizagem. Na dimensão pedagógica, sabemos que o ensino - marcado por práticas pouco significativas e distantes dos processos cognitivos, ou por relações pouco dialógicas em classe - pode interferir na aprendizagem, gerando comportamentos de apatia, indisciplina e baixo rendimento. Finalmente, a dimensão política da educação nos remete à necessidade de se rever as diretrizes de ensino e de valorização dos educadores. É preciso repensar as condições de trabalho e de infraestrutura nas escolas e, sobretudo, investir nas

práticas de democratização dos bens culturais.

Como conclusão, importa dizer que a administração dos ritmos na escola passa necessariamente pela revisão de posturas e concepções. Quando a aprendizagem é compreendida como construção pessoal que se processa de modo singular a partir de saberes prévios, valores sociais, experiências vividas pelo aluno, configurações socioculturais específicas do seu contexto de vida, modos de se inserir na sociedade e na escola, expectativas familiares, interesses e moti-

vações pessoais, processos cognitivos, oportunidades de reflexão e de negociação de sentidos com base nas diversas estratégias de antecipação e construção de hipóteses, o professor não só tem mais condições de lidar com a diversidade de seus alunos, como também de acompanhá-los em seus respectivos processos, respeitando suas possibilidades e ritmos na construção do saber.

\* *Silvia M. Gasparian Colello*, professora de Psicologia de Educação da Faculdade de Educação da USP (Feusp)

## **Tema: O CINEMA E A MULTIDISCIPLINARIDADE**

### **Vermelho como o céu**

\* **Martha Sirlene Silva**

\*\* **Maria Emília Santos Oliveira**

Um filme pode ser ponto de chegada ou ponto de partida. Como obra de arte tem poder transformador da percepção, possui uma multiplicidade de informações subliminares e sendo dialógica possibilita ao espectador viver e participar emocionalmente através de múltiplas leituras. Neste sentido, tendo como ponto de partida a apresentação do filme italiano dirigido por Cristiano Bortone, em 2004, intitulado Vermelho como o céu (Rosso Come il Cielo) discutiremos dentre outras, questões sobre concepções de educação, função social da escola e o papel da liberdade para a evolução do indivíduo numa visão multidisciplinar. Este filme é baseado na história de vida de Mirco

Mencacci, músico, compositor e renomado editor de som do cinema italiano, que ainda na infância, devido a um acidente, torna-se deficiente visual. Uma história envolvente de coragem, determinação e superação frente aos preconceitos enfrentados pelo jovem artista na sociedade dos anos 70.

Acreditamos na importância de ver este filme não apenas como recurso didático ou ilustrativo, mas como objeto cultural, cujos temas abordados devem ser contextualizados para a sua real compreensão.

Além do mais o cinema como arte funde em si diversas linguagens que permitem entender o mundo contemporâneo e a realidade social e educacional. As imagens podem ser captadas sob vários ângulos, propiciando novas formas de ver e entender o objeto focado. Sua riqueza e seu mo-

vimento permitem captar de maneira mais concreta e real a complexidade do fato observado.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que assim também deveria acontecer com a educação. O olhar do professor sobre o fenômeno educativo não pode ser unilateral. É preciso ir além daquilo que à primeira vista a imagem mostra, é preciso descongelá-la, dar-lhe vida, analisá-la sob as diferentes facetas, enfim, percebê-la em sua totalidade (Massako e Silva, 2009).

Para tanto a escola deve entender o ser humano em todas as suas dimensões - cognitiva, ética, afetiva - em que não devem faltar o imaginário, a estética, a sexualidade, as fantasias e a subjetividade. Acreditamos que o cinema e es-

pecificamente, este filme facilita e permite essa reflexão e compreensão.

*\* Martha Sirlene da Silva, formada em Pedagogia, com especialização pela PUC e mestrado em Educação pela Umesp. Atua em programas de formação permanente destinado aos professores e assessora projetos pedagógicos em diferentes secretarias de educação. Como pesquisadora, participa do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento (Geal). O artigo "O cinema na escola ou escola no cinema?" foi publicado na revista Múltiplas Leituras, Vol. 2, nº 2 (2009), p. 189 a 204, Ed. Metodista, São Paulo.*

*\*\* Maria Emília Santos Oliveira, coordenadora do Centro de Estudos da Família, Adolescência e Infância (Cefai) da Diretoria Regional de Educação (DRE) Jaçanã Tremembé da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.*

## **Tema: O PROFESSOR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM TRABALHADOR DA CONTRADIÇÃO**

### **Ser professor na sociedade contemporânea: contradições e desafios**

**\* Bernard Charlot**

A palestra pretende confrontar as injunções da sociedade contemporânea com o que está vivendo o professor "normal". O professor é herói ou vítima? É "culpa" do aluno ou do professor? O professor deve ser tradicional ou construtivista?

Ser universalista ou respeitar as diferenças, vincular-se à comunidade e individualizar o seu

ensino? Restaurar a autoridade ou amar os alunos? O professor enfrenta contradições que decorrem, ao mesmo tempo, da sociedade contemporânea e do próprio ato de ensino/aprendizagem. Essas contradições constituem, também, desafios a serem encarados.

*\* Bernard Charlot, doutor em Ciências da Educação, professor visitante na Universidade Federal de Sergipe (UFS)*

# Professores, modernização e precarização

\* **Aparecida Néri de Souza**

O trabalho, dito moderno, é marcado por mudanças nas formas de emprego e na intensificação e complexificação das relações de trabalho. A chamada modernização no trabalho se manifesta em duas dimensões, a primeira se refere à multiplicação das formas precárias de trabalho e de emprego; a segunda refere-se à individualização que informa o enfraquecimento das ações coletivas. A hipótese que orienta este texto é de que a modernização dos sistemas educacionais públicos instala um processo de precarização que reforça continuamente a subjugação dos professores às necessidades de competitividade e produtividade.

Tomo a noção de precarização como um processo de institucionalização da instabilidade; no plano do emprego se caracteriza, principalmente, pelo desemprego e pelo trabalho temporário ou eventual; e no plano do trabalho pelo questionamento da qualificação profissional e do reconhecimento no trabalho dos professores. A precarização do emprego de professores se caracteriza pelo aumento dos empregos temporários, eventuais, estagiários, bolsistas. Esse processo tem por conseqüência o questionamento

dos direitos trabalhistas e nas formas de representação política-sindical.

A modernização dos sistemas escolares conduz a um processo de racionalização técnica submetida aos critérios de eficácia e rentabilidade, traduzido, constantemente, por um movimento de individualização. Professores, funcionários e alunos são responsabilizados pelos processos e resultados do sistema educacional e expostos pela mídia nos elementos que checam a legitimidade de seu trabalho.

Tomar-se-á a análise das mudanças no trabalho de professores, reforçadas pelas políticas públicas, enfatizando as medidas de modernização do sistema escolar, com destaque para a remuneração por mérito dos professores, apoiada num modelo de gerenciamento de escola e de pessoas; e, a precarização dos empregos.

\* **Aparecida Néri de Souza**, mestre e doutora em Educação pela Unicamp, atua principalmente com os temas trabalho e formação profissional no campo do ensino; relações e mercado de trabalho no campo do ensino; relações sociais de gênero; trabalho, políticas públicas e educação; sociologia da educação e do trabalho.

# **Tema: QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALINHANDO O DISCURSO À PRÁTICA, AJUSTANDO OS DESALINHOS**

\* **Mônica Appezzato Pinazza**

O alinhamento do discurso à prática representa um esforço no sentido de alinhamento de concepções. Em questão, nesta oportunidade, a concepção de qualidade na educação infantil.

Muito tem se falado em melhoria de qualidade da educação, inclusive, da educação infantil. Nada mais legítimo, posto que as práticas educativas devem ser pensadas em função das constantes mudanças e das demandas, que se transformam de tempos em tempos, de modo a promover a emancipação de todos os atores envolvidos.

Pensar qualidade na educação implica uma construção constante, pautada na explicitação de concepções de: criança, mundo, sociedade, educação. É compreender que a busca de melhoria de qualidade faz-se a partir do interior das instituições e não alheia aos seus próprios projetos. Ademais, é reconhecer que as práticas na educação infantil, tal como outras práticas educativas, caracterizam-se como práticas sociais, que se constroem em tempos e espaços históricos particulares, não se submetem totalmente à racionalidade explicativa das teorizações, dos méto-

dos e técnicas e são impregnadas de valores, crenças e juízos revelados nas relações das pessoas, em seus universos de atuação.

Para enfrentar o desafio da mudança e da melhoria de qualidade é preciso adotar uma conduta investigativa de práticas já existentes e, por vezes, arraigadas. Reconhecer o pertencimento à memória e, pela via da investigação, recolher o que já foi pensado e construído a respeito de educação de crianças pequenas. Ao mesmo tempo, ousar o rompimento com tudo o que não oferece mais respostas às inquietações vividas no contexto presente do trabalho educativo. Por fim, ter a certeza de que é o enfrentamento que protege a todos da obediência cega e do controle externo, que deslegitima o que realmente se vive e experimenta em matéria de educação.

*Mônica Appezzato Pinazza, doutora, docente e pesquisadora da Faculdade de Educação da USP (Feusp).*

*Linha de pesquisa: didática, teorias de ensino e práticas escolares.*

*Foco temático: formação profissional e docência no contexto da educação infantil*

# O EaD na formação continuada de docentes de educação infantil: um relato de caso

\* **Maria do Carmo Ferreira Lotfi**

\*\* **Valéria Andrade Silva**

Nas discussões sobre a qualidade do atendimento educacional às crianças de zero a cinco anos na rede pública de ensino são evidenciadas falhas na formação inicial dos professores, levando a necessidade de formação continuada dos docentes da educação infantil a um lugar de destaque.

Entendemos que investir na formação destes profissionais significa possibilitar o desenvolvimento da consciência educacional, social, política e ética e, assim, contribuir para uma sociedade mais justa. Entretanto, sabemos que transformar essas idéias e princípios em práticas concretas é uma tarefa que exige ações múltiplas, dentro e muito além dos espaços das salas de aula e das escolas.

Neste sentido, relatamos uma experiência bem sucedida de uma proposta de formação a distância oferecida em 2010 pelo SINPEEM aos educadores da rede municipal de ensino de São Paulo. Foram realizadas orientações de estudos e discussões sobre os temas relacionados à inserção das linguagens da mídia e suas tecnologias nos espaços da CEI e da Emei em um ambiente virtual de formação, visando superar a dis-

tância geográfica e temporal existente entre os educadores da rede municipal.

O curso contou com uma equipe de tutoras que buscou promover a reflexão sobre as "situações-problema" apresentadas no fórum, oferecendo novas fontes de informação e favorecendo a reflexão dos cursistas acerca da relação entre teoria e prática. À medida que os participantes interagiam cada vez mais entre si, os tutores davam mais e mais autonomia ao grupo.

A participação efetiva dos educadores postando registros de suas práticas, bem como os verdadeiros diálogos promovidos pelo fórum, o apoio entre os colegas, o incentivo e a valorização das sugestões postadas e a aplicação dos conteúdos abordados no curso em atividades no cotidiano dos professores de educação infantil, apontaram o curso EaD como uma prática significativa de construção de conhecimento e formação continuada.

*\***Maria do Carmo Ferreira Lotfi**, mestranda em Educação e professora de pós-graduação em Psicopedagogia pela Uninove*

*\*\* **Valéria Andrade Silva**, mestranda em Educação pela Uninove/Capes e professora de educação infantil*

# **Tema: É POSSÍVEL VIVER SEM MATEMÁTICA? A CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO MATEMÁTICO DO PROFESSOR E DO ALUNO**

**\* Walter Spinelli**

A Matemática sempre esteve, na história da humanidade, diretamente relacionada a avanços de todo o tipo - social, comercial, tecnológico, bem-estar etc.

Nos dias atuais a compreensão dos conceitos básicos dessa disciplina é condição fundamental para o exercício de cidadania, e nós, professores, precisamos estar conscientes da importância dos conteúdos que ensinamos, selecionando-os e adaptando-os à realidade de nossos alunos. Para tanto, tornar-se necessário, por um lado, identificarmos a presença da Matemática na maior gama possível de eventos dos cotidianos e

estudá-los à luz dos conceitos que apresentamos.

Por outro lado, não podemos deixar para segundo plano a condição da Matemática enquanto Ciência, com corpo de conteúdos e metodologias próprias, que estimulam o desenvolvimento da lógica, da análise da representação, da intuição, da generalização etc. Assim, dentre todos os desafios que diariamente se nos apresentam, destacamos dois: contextualizar e imaginar.

*\* Walter Spinelli, licenciado em Física pelo Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP), mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Faculdade de Educação da USP (Feusp) e coautor da atual proposta curricular de Matemática da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP).*

## **A Matemática do cotidiano ou o cotidiano da Matemática, qual a melhor escolha?**

**\* José Luiz Pastore Mello**

Frequentemente, o ensino de matemática é acusado de um excessivo distanciamento das aplicações práticas, o que supostamente é uma das razões do grande desinteresse pela matéria por parte dos estudantes.

Tal cobrança nos remete ao inevitável ques-

tionamento sobre o currículo da matemática escolar e, mais especificamente, sobre qual o equilíbrio ideal entre as aplicações práticas e a chamada "matemática pura" nos currículos dos ensinos fundamental e médio.

O problema em questão será apresentado e discutido em quatro etapas:

- 1) breve explanação dos atuais currículos de matemática dos ensinos fundamental e médio;
- 2) discussão sobre os diferentes significados da chamada "matemática pura" para professores e alunos;
- 3) o papel e a importância da matemática aplicada no ensino da disciplina;
- 4) o equilíbrio entre extremos como caminho para a reflexão crítica sobre o currículo de matemática.

Ao longo da apresentação, vários exemplos serão dados sinalizando tanto para a importância do pensamento matemático puro, como tam-

bém do ensino da matemática aplicada em situações da ciência e do cotidiano.

Utilizaremos o paradigma da geometria como ciência mãe do raciocínio lógico dedutivo da matemática para exemplificar possibilidades de seu tratamento tanto no contexto da "matemática pura", quanto da "matemática aplicada". Em ambos os casos discutiremos alguns caminhos para mobilizar o interesse do aluno pelo estudo da matemática.

*\* José Luiz Pastore Mello, mestre em Ensino de Matemática pela Universidade de São Paulo (USP), coautor da Reforma Curricular de Matemática do Estado de São Paulo (SEE-SP)*

## Como se dá a construção do conhecimento de Matemática na sala de aula? É possível viver no mundo contemporâneo sem esse conhecimento?

**\* Ruth Ribas Itacarambi**

As questões: "Como se dá a construção do conhecimento de Matemática na sala de aula?" e "É possível viver no mundo contemporâneo sem esse conhecimento?" nortearão a reflexão que está organizada nos seguintes itens:

1 - apresentar que todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta não pode haver conhecimento. Daí a importância de se trazer a resolução de problemas para a sala de aula;

2 - mostrar na história o avanço do conhecimento de Matemática a partir dos três problemas clássicos: quadratura do círculo, trissecção do ângulo e duplicação do cubo. Retomar outros

problemas que propiciaram o desenvolvimento do conhecimento matemático;

3 - identificar nas orientações curriculares a abordagem de resolução de problemas em diferentes contextos;

4 - trazer a perspectiva da investigação como estratégia para o envolvimento dos alunos na busca do conhecimento matemático;

5 - discutir que o conhecimento matemático é necessário para se viver no mundo contemporâneo.

*\* Ruth Ribas Itacarambi, doutora em Didática da Matemática pela Feusp, educadora do Caem-IME-USP e professora do curso de pós-graduação da FOC*

# **Tema: CONSUMISMO NA INFÂNCIA X A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR**

## **A situação atual da infância**

**\* Adriana Friedmann**

Crianças consumistas, crianças brincantes, crianças hiperativas, crianças obesas, crianças conectadas com o mundo virtual, crianças 'sem infância'. Estas são alguns dos perfis das crianças com quem hoje convivemos.

Compreender quem são estas crianças que recebemos nas nossas salas de aula é tarefa primordial. Vamos caminhar juntos na idéia da importância de se fazer um profundo diagnóstico da vida das crianças deste século XXI nos seus diversos contextos sócio culturais, para tentar compreender as suas mensagens, o que vivem, sentem, pensam, quais seus repertórios dentro e fora da escola.

Estes 'mapas' constituem pontos de partida para que nós, educadores, pais, gestores e cuidadores em geral, repensemos como adequar propostas curriculares e metodológicas em todos os graus de ensino. Sem este panorama, será muito difícil encontrarmos ecos a qualquer proposta, motivação e diálogos por parte das crianças. É urgente e grande o desafio de mudar nossa pos-

tura de ensinantes para aprendizes, de depositários de informações para ouvintes.

Será necessário descer do nosso pedestal de detentores dos saberes para acolhermos outras fontes de conhecimentos de que as crianças são possuidoras. Será necessário aprendermos a construir junto com as vozes, questionamentos, interesses e necessidades apontadas pelas crianças, o caminho para propostas significativas, adequadas e eficientes. Iremos refletir a partir de imagens, falas e narrativas infantis que poderão nos inspirar e apontar para algumas pistas que nos orientem nesta encruzilhada.

Estas mudanças paradigmáticas irão exigir de todos nós, processos de autoconhecimento e flexibilidade para investir no nosso próprio processo de autodesenvolvimento. O caminho da humanização das relações e o desvendar das linguagens expressivas têm se mostrado essenciais nestes processos educacionais.

*\* Adriana Friedmann, educadora, antropóloga, consultora na área da Infância e autora de vários livros.*

# Criança como a alma do negócio ou o brincar como a alma da infância?

\* Vera Melis

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. O consumo é a atividade econômica que se fundamenta na utilização direta das riquezas geradas e, justamente por isso, pressupõe racionalidade em sua prática. Já o consumismo é o ato de adquirir produtos e serviços de maneira compulsiva, sem necessidade ou consciência.

Enquanto o consumidor responsável adquire produtos e serviços de modo consciente, o consumidor consumista compra por impulso, de forma irracional e inconsequente. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e vulneráveis não ficam fora dessa lógica e sofrem cada vez mais cedo relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras.

A criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de esco-

lha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto( Alana). Dessa forma, o mercado, a publicidade, as datas comemorativas olham a criança como alma do negócio. Entretanto, nós educadores temos o compromisso de educar para que cada criança viva a sua infância de forma plena, contribuindo para uma sociedade sustentável. Repensar nosso cotidiano nas escolas passa por revisitar as brincadeiras e os materiais utilizados para o brincar.

A valorização do brincar deve ser a alma da infância. Como educadores, devemos ficar atentos a este fenômeno global e complexo conhecendo dicas para evitar o consumismo e criar muitas situações onde o brincar de forma criativa, solidária e prazerosa aconteça diariamente.

\* *Vera Melis, doutora em Educação, pesquisadora e consultora/presidente da Organização Mundial para a Educação Pré-escolar - São Paulo (Omep-SP)*

## **Tema: DISLEXIA, DÉFICIT DE ATENÇÃO, HIPERATIVIDADE E A MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO**

\* **Fernanda Pereira Gonçalves**

\*\* **Maria Aparecida A. Moysés**

\*\*\* **Cecília de Lima A. Collares**

\*\*\*\* **Beatriz de Paula Souza**

A população em geral e os educadores, em especial, têm sido imersos em um número crescente de cursos, palestras, publicações, programas de televisão e páginas da internet que abordam os chamados "Transtornos de Aprendizagem", principalmente a Dislexia e o Transtorno do Déficit de Atenção, com ou sem hiperatividade.

Em sala de aula, têm se deparado também com um número crescente de alunos diagnosticados ou suspeitos de terem esses supostos "problemas neurológicos incuráveis". Perguntam-se constantemente sobre como lidar com tais e quando encaminhar um aluno para diagnóstico e tratamento com especialistas.

Pretendemos assim, discutir criticamente esse fenômeno, expondo as principais polêmicas que cercam o próprio conceito desses supostos transtornos, que pouco são informadas à sociedade. Tal discussão aponta para a medicalização da Educação, isto é, para o deslocamento artificial de muitas questões de ordem educacional -e outras- para a área da Saúde, com

prejuízos para educadores e educandos.

A partir de três diferentes áreas de saber - a Medicina, a Pedagogia e a Psicologia -, pretende-se contribuir para o esclarecimento dos educadores sobre o tema e indicar-lhes caminhos para seu enfrentamento.

*\* **Fernanda Pereira Gonçalves**, psicóloga clínica, assistente técnica de Educação da Diretoria Regional de Educação Pirituba, professora titular de educação infantil e ensino fundamental da rede municipal de ensino de São Paulo e membro do Grupo Orientação Queixa Escolar.*

*\*\* **Maria Aparecida A. Moysés**, doutora em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e livre docente em Pediatria Social na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora titular de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. É autora do livro "A institucionalização invisível: crianças que não aprendem na escola".*

*\*\*\* **Cecília de Lima A. Collares**, doutora em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. É professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e livre docente em Psicologia Educacional.*

*\*\*\*\* **Beatriz de Paula Souza**, membro do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), coordenadora do Departamento de Orientação à Queixa Escolar de apoio ao ensino e à pesquisa da USP.*

# Tema: **O CINEMA E A MULTIDISCIPLINARIDADE**

## Criança, a alma do negócio

### *Um documentário sobre publicidade, consumo e infância*

\* **Lais Fontenelle Pereira**  
**Produtora: Maria Farinha Produções**  
**Direção: Estela Renner**  
**Produção Executiva: Marcos Nisti**

"Por que meu filho sempre me pede um brinquedo novo? Por que minha filha quer mais uma boneca se ela já tem uma caixa cheia de bonecas? Por que meu filho acha que precisa de mais um tênis? Por que eu comprei maquiagem para minha filha se ela só tem cinco anos? Por que meu filho sofre tanto se ele não tem o último modelo de um celular? Por que eu não consigo dizer não? Ele pede, eu compro e mesmo assim meu filho sempre quer mais. De onde vem este desejo constante de consumo?" Este documentário reflete sobre estas questões e mostra como no Brasil a criança se tornou a alma do negócio para a publicidade.

A indústria descobriu que é mais fácil vencer uma criança do que um adulto, então, as crianças são bombardeadas por propagandas que estimulam o consumo e que falam diretamente com elas. O resultado disso é devastador: crianças que, aos cinco anos, já vão à escola totalmente maquiadas e deixaram de brincar de correr por causa de seus saltos altos; que sabem as marcas de todos os celulares mas não sabem o que é uma minhoca; que reconhecem as marcas de todos os salgadinhos mas não sabem os nomes de fru-

tas e legumes. Num jogo desigual e desumano, os anunciantes ficam com o lucro enquanto as crianças arcam com o prejuízo de sua infância encurtada.

Contudente, ousado e real, este documentário escancara a perplexidade deste cenário, convidando você a refletir sobre seu papel dentro dele e sobre o futuro da infância.

Instituto Alana: <http://www.alana.org.br/>

O documentário está dividido em seis partes em nosso canal do youtube:

Parte 1 - <http://www.youtube.com/watch?v=8hjBv3ihPCk>

Parte 2 - <http://www.youtube.com/watch?v=cjJlgq6ZkaE>

Parte 3 - <http://www.youtube.com/watch?v=ILc7E80SqCA>

Parte 4 - <http://www.youtube.com/watch?v=mrPlK6mLzU0>

Parte 5 - <http://www.youtube.com/watch?v=dHZ2iWXIU48>

Créditos - <http://www.youtube.com/watch?v=D9DaTIszcfY>

\* **Lais Fontenelle Pereira**, coordenadora de Educação e Pesquisa do projeto Criança e Consumo do Instituto Alana, mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Atuou na área de Educação Infantil durante nove anos no Rio de Janeiro e em São Paulo também realizou atendimento terapêutico em crianças com problemas de aprendizagem.

# **Tema: A LACUNA ENTRE A CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA E AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS/SOCIAIS**

## **Crianças, educação infantil e práticas sociais: algumas considerações**

\* **Maria Letícia Nascimento**

As concepções de infância, assim como as práticas sociais relativas às crianças, são construções culturais que refletem a sociedade onde estão inseridas. Se tomarmos as representações de criança "boa", "má", "imaneante", "em desenvolvimento", veremos que todas elas hierarquizam as relações sociais entre a infância e o mundo adulto, enfatizando a infância como "tempo de passagem".

Mesmo tendo sido originadas em diferentes autores, e, portanto, historicamente datadas, não excluem uma a outra, mas muitas vezes se mesclam entre si e justificam algumas das práticas sociais até nossos dias. Nesse sentido, reconhece-se a generalização de uma criança com características universais, o que significa que "o status da infância tem suas fronteiras mantidas pela cristalização das convenções e discursos presentes nas formas institucionais que com ela lidam, como as famílias, creches, escolas [...] agências designadas e estabelecidas para processar a infância como uma entidade uniforme" (Jenks, 2002, p.5).

Tradicionalmente presentes na educação infantil, têm sido refutadas por pesquisas e experiências que revelam que "a criança é portadora, aqui e agora, de direitos, de valores, de cultura:

a cultura da infância. Ela não é apenas o nosso conhecimento sobre a infância, mas o conhecimento de como ser e como viver a infância" (Rinaldi, 2007, p.171), ou seja, que o cotidiano da primeira infância pode ser compreendido como tempo e espaço no qual as crianças decidem, intervêm e influenciam as relações sociais, pois são consideradas como agentes sociais. Observa-se, porém, que as atividades encontradas em grande parte das creches e pré-escolas inspiram-se na concepção de criança universal.

O que alimenta essa distância entre a pesquisa e a prática pedagógica?

### **Referências:**

James, A.; Jenks, C.; Prout, A. *Theorizing childhood*. Cambridge: Polity Press, 2002.

Jenks, C. "Constituindo a criança". *Educação, sociedade e culturas. Crescer e aparecer ou... para uma sociologia da infância*. N. 17. Porto: Afrontamento, 1994, pp.185-216.

Rinaldi, C. *In dialogue with Reggio Emilia: listening, researching and learning*. New York, NY: Routledge, 2007.

\* *Maria Letícia Nascimento, docente e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp) na área de Sociologia da Infância e Educação Infantil.*

# A criança na educação da cidade: desafios para a educação pública como compromisso político

\* Marcos Cezar de Freitas

Será apresentada uma análise sobre a relação que se estabelece entre a educação na forma escolar e as formas sociais que a educação adquire quando apropriada por estratos empobrecidos das grandes cidades. Esse contexto será comparado com as particularidades da educação

infantil como instância de educação da criança e da cidade, simultaneamente.

A cidade será analisada como contexto fundamental para o estudo da criança e da infância.

\* *Marcos Cezar de Freitas, livre docente Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo*

## **Tema: A TUTORIA NA ESCOLA PÚBLICA: FUNÇÃO E POSSIBILIDADES**

\* Nilson José Machado

Não é permitida a alunos de cursos de pós-graduação a realização de um doutorado sem um orientador. Mesmo sabendo o que querem, tendo um projeto bem delineado, com objetivos bem definidos, referencial teórico condizente e metodologia consistente, ainda assim é preciso ter um orientador. Alunos dos cursos de graduação também precisariam de orientação, mais até do que os de nível de pós-graduação, e não a têm regularmente; se a tivessem, os atuais níveis de desistência nos diversos cursos certamente seriam menores. E um aluno que ainda não entrou na Universidade carece mais ainda de orientação do que quem nela já ingressou, apesar de somente contarem com tal recurso de modo cir-

cunstantial, em decorrência da atenção voluntária e solidária de alguns de seus sobrecarregados professores.

A atividade de orientação ou de tutoria, com este ou com outro rótulo, é absolutamente fundamental na Escola Básica. A formação pessoal dos alunos não pode se completar apenas nos limites do espaço-aula. As aulas são um espaço nobre, imprescindível para o professor realizar seu trabalho de cartografia de relevâncias, nos diversos territórios disciplinares. Mas a aula é um espaço mais adequado para a exploração de centros de interesses previamente existentes ou programados do que para a criação de novos centros de interesse. Espaços maiores do que o da aula, como o de uma conferência, uma palestra, um filme, uma peça teatral, um estudo do

meio, a realização de um pequeno projeto, podem ser muito mais eficazes nesse sentido. Uma palestra sobre a situação da água própria para o consumo humano no mundo pode funcionar como um importante catalisador para o interesse nas aulas de biologia, física, química, geografia etc. Um filme ou uma peça de teatro podem servir de pretexto para a discussão de temas transversais importantes, de natureza ética ou política, por exemplo.

Quando se oferecem aos alunos da Escola Básica espaços mais amplos do que o de uma aula, abrindo-se o leque de temas importantes para a vida e a formação pessoal dos alunos, corre-se o risco de ver os alunos se interessarem por temáticas excessivamente complexas do ponto de vista ético, ou mesmo incompatíveis com a maturidade dos mesmos. Não cabe, no entanto, qualquer tipo de censura, ou a abertura para temáticas transdisciplinares resultaria comprome-

tida. O antídoto para os desvios indesejáveis é justamente a interação pessoal, a conversa amigável, a atividade de orientação, de tutoria, de aconselhamento.

A convivência entre professores e alunos no espaço da escola é um espaço fundamental para a construção do conhecimento. Nele se realiza a atividade de tutoria. Na organização da escola, a aula é o espaço mais importante, mas nem de longe é suficiente para uma formação pessoal em sentido pleno. A importância das aulas somente se completa na coexistência com espaços maiores, especialmente fecundos para a criação de centros de interesse, e com espaços menores, como os de orientação ou tutoria, em que os interesses espúrios são depurados por meio de uma atividade de mediação e aconselhamento.

*\* Nilson José Machado, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp)*

## Tutoria na escola pública e o espaço das assembleias escolares

*\* Ulisses F. Araújo*

A implementação do trabalho de tutoria é uma excelente possibilidade para a introdução das assembleias escolares nas escolas.

As assembleias são o momento institucional da palavra e do diálogo. O momento em que o coletivo se reúne para refletir, tomar consciência de si mesmo e transformar tudo aquilo que os seus membros consideram oportuno. É um

momento organizado para que alunos e alunas, professores e professoras possam falar das questões que lhes pareça pertinente para melhorar o trabalho e a convivência escolar. Além de ser um espaço para a elaboração e reelaboração constante das regras que regulam a convivência escolar, as assembleias propiciam momentos para o diálogo, a negociação e o encaminhamento de soluções dos conflitos cotidianos. Dessa maneira, contribuem para a construção de capacida-

des psicomorais essenciais ao processo de construção de valores e atitudes éticas.

Em uma outra perspectiva, com esse tipo de trabalho, os professores tutores têm a oportunidade de conhecer melhor seus alunos e suas alunas em facetas que não são possíveis no dia a dia da sala de aula. Temas como disciplina e indisciplina deixam de ser de responsabilidade somente da autoridade docente e passam a ser compartilhado por todo o grupo classe, responsável pela elaboração das regras e pela cobrança de seu respeito. Enfim, o espaço das assembleias propicia uma mudança radical na forma com que as relações interpessoais são estabelecidas dentro da escola e se devidamente coordenadas com relações de respeito mútuo, permitem verdadeiramente a construção de um ambiente es-

colar dialógico e democrático.

Tais objetivos são possíveis de ser atingidos quando as assembleias são institucionalizadas nos centros educativos, com periodicidades e espaços determinados para esse fim, permitindo que se dedique uma pequena parte do tempo que as pessoas passam na escola a encontros em que podem dialogar sobre os conflitos e as coisas positivas relacionadas ao seu convívio.

Assim, a introdução da figura do professor tutor nas escolas, coordenando essa atividade dialógica, pode se converter num espaço para a democratização e a melhoria das relações interpessoais no cotidiano escolar.

*\* Ulisses F. Araújo, professor doutor da Universidade de São Paulo (USP)*

## **Tema: LINGUAGENS: TRANSFORMANDO ALUNOS AUTÔMATOS EM ALUNOS AUTÔNOMOS**

*\* Gabriel Perissé*

A linguagem docente não pode ser apenas decente. Isso já seria muito, mas é muito pouco...

A linguagem docente, adquirindo estratégias que a tornem uma linguagem artística, permite falarmos em autêntica criatividade educacional. Mesmo que se trate de ensinar Matemática, Química, Física, ou falar sobre quaisquer outras matérias que os racionalismos reducionistas excluem do âmbito artístico, trata-se de lin-

guagem para além do código que transmite informações e dados. É linguagem que comove, toca, provoca, às vezes choca, mas sempre leva o ouvinte a se interiorizar, a experimentar emoções fortes, decisivas, talvez contraditórias, capazes de despertar-nos para uma visão mais lúcida da realidade.

Uma linguagem que supõe "luta pela expressão", título forte de um livro de filosofia da literatura que alcançou relativo sucesso nos anos 40 do século passado, da autoria do professor Fidelino Figueiredo.

Luta pela expressão. O livro com este título foi escrito em plena Guerra Mundial, tempo de dores, de angústias, e representou também uma luta do autor para esquecer os horrores e dissabores da época, realizando no papel uma harmonia ausente nos fatos históricos. Como observou outro professor, Antônio Soares Amora, no prefácio à terceira edição, nos anos 70, o estilo de Fidelino "é cativante, pela clareza na exposição das ideias e pela expressividade das comparações e das metáforas".

Pois é este o estilo de uma linguagem artística: cativante, expressivo, repleto de vitalidade, de clareza. Cada professor terá a sua expressividade, seu repertório de metáforas, sua maneira pessoal de atingir a clareza, mas estas são precisamente as características que esperamos de uma linguagem educadora.

Na linguagem perdemos ou ganhamos a luta pela educação. Eis o principal campo de batalha e trabalho do professor criativo: o campo da palavra. (Não excluindo o transbordamento da linguagem no gestual com um tanto de teatral, na expressividade facial, na produção de imagens etc.)

A linguagem que ensina é uma palavra que torna visível. Trata-se de fazer a palavra, esse "material vaporoso e todavia mais resistente que o granito ou o bronze", como definia Fidelino Figueiredo, de fazer da palavra que ensina uma palavra fiel ao real, inesquecível, elucidativa, iluminadora.

\* *Gabriel Perissé, doutor em Filosofia da Educação (USP) e escritor*

## **Tema: CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

### **Educação ambiental em tempos de mudanças climáticas**

\* **Irineu Tamaio**

Consultor Técnico da Diretoria de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente - Brasília/DF -

O aquecimento global, provocado pelo acúmulo de gases de efeito estufa na atmosfera, causa profundas mudanças no sistema climático comprometendo e ameaçando a qualidade de

vida no Planeta. O enfrentamento desta questão se apresenta como um dos desafios mais importantes que a humanidade já enfrentou. O cenário das Mudanças do Clima é complexo, multidisciplinar e abrangente e, de uma forma ou de outra, em maior ou menor escala, suas consequências afetarão a todos em todos os lugares.

A não percepção das conexões existentes entre nossas opções cotidianas de locomoção, a



**Tema: VIOLÊNCIA NA ESCOLA:  
FALTA DE LIMITES, DE VALORES, DE ÉTICA?****Violência e cultura da vaidade**

\* Yves de La Taille

Não raramente ouve-se que os agressores (de vários tipos) estariam acometidos de certo 'mal-estar' psíquico, de certa 'infelicidade' que explicaria sua condutas anti-sociais. Tal hipótese certamente é correta para alguns casos. Todavia, generalizá-la nos levaria a correr o risco de 'naturalizar' a violência, como se não houvesse meios sociais e educacionais de procurar evitá-la. Ora, a moral e a ética são justamente ferramentas que tem esse papel de se antecipar à violência. Mas, para tanto, seria preciso que a educação pensasse um pouco mais nesses dois temas elaborando verdadeiras estratégias de educação moral e formação ética, e não apenas discursos sobre o bem e o mal.

O tema de minha fala será justamente o de equacionar o tema através de uma abordagem psicológica. Para tanto falaremos de uma cultura da vaidade, na qual se valorizam representações de si tanto vazias quanto heterônomas. Em tal cultura, subjugar outrem pode ser um fator de identidade e de orgulho. Ora, como o respeito moral depende do 'respeito de si', é preciso opor a uma cultura da vaidade uma cultura do autorrespeito.

Falaremos em algumas estratégias educacionais.

\* Yves de La Taille, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)

# Da neurociência às práticas de desenvolvimento humano

\* Regina Migliori

Neurocientistas vêm identificando no cérebro humano uma região destinada ao processamento de valores. Esta notícia revoluciona o entendimento sobre ética e moralidade. Esta pauta deixa de ser exclusivamente filosófica, política, pedagógica ou comportamental e se amplia para incluir a dinâmica neurofisiológica. Estamos longe de solucionar os mistérios da relação cérebro/mente/consciência, mas saber um pouco mais pode auxiliar nos desafios da educação, da cultura de paz e da sustentabilidade. É uma revolução se iniciando.

Na parte frontal do cérebro, dispomos de neurônios dedicados a realizar sinapses com foco em aspectos éticos e morais. Estas sinapses compõem redes neurais, uma espécie de "avenidas" por onde transitam nossos pensamentos. Demonstrações por neuroimagem têm fornecido evidências sobre a dinâmica destas redes: um elenco de operações cognitivas tais como a flexibilidade, o planejamento cognitivo, e a auto-regulação dos processos mentais e comportamentais. Estas evidências reabrem o debate sobre a natureza humana: ficou difícil sustentar a afirmação de que não há um potencial ético natural. Passa-se a considerar a hipótese de uma inteligência ética que, reconhecida como potencial humano, pode ser desenvolvida.

Os lobos frontais são também responsáveis pelas formas mais elaboradas de comportamen-

to, resultantes de metas impostas pelo próprio indivíduo, que dependem de planos e estratégias, que regulam idéias e ações por meio do diálogo interior, tais como decidir se deve esperar alguém por dez minutos ou ir embora e deixar um bilhete.

Descobriu-se que solicitações verbais externas são eficazes para dar início a estes comportamentos, mas não têm a mesma eficácia para interrompê-los ou redirecioná-los. Neste processo decisório, o diálogo interior é mais relevante do que a recomendação externa.

Esta evidência põe em cheque o tradicional poder atribuído a processos prioritariamente verbais. Para uma pessoa constituir sua ação, não basta receber instruções, explicações, e informações. É preciso que ela "acredite" que vale à pena agir daquela forma - e a construção desta decisão é o resultado de um complexo diálogo interior, agora mapeado pela neuroimagem e outros equipamentos de neurofeedback.

Diante dessas evidências, os educadores precisam rever as formas como vêm tentando estimular o compromisso em torno de causas, projetos e ações junto às pessoas com quem se relacionam.

*\* Regina Migliori, coordena o Núcleo de Pesquisas do Cérebro e da Consciência e o Laboratório de NeuroEducação vinculados ao Instituto Migliori. É consultora em Cultura de Paz da Unesco; membro-fundadora do Instituto de Estudos do Futuro; coordenou o MBA em Ética, Valores e Sustentabilidade na FGV e em outras instituições*

# **Tema: PRÁTICAS RESTAURATIVAS: RESOLVENDO CONFLITOS E VIOLÊNCIAS ENVOLVENDO OS ALUNOS DENTRO E FORA DAS ESCOLAS**

## **Práticas restaurativas e mediação nas escolas: uma construção coletiva**

\* Ana Lúcia Catão

Com base em experiências de outros países, nos últimos dez anos, no Brasil, as práticas restaurativas e de mediação de conflitos começam timidamente a ser pensadas e experimentadas em algumas escolas brasileiras como uma forma de lidar com a violência que se manifesta no âmbito escolar.

A proposta passa por uma ressignificação da situação conflitiva como uma oportunidade para a transformação de um *status quo* que não (mais) atende às necessidades dos envolvidos no conflito. Essas práticas têm um potencial educativo na medida em que permitem que os atores aprendam e construam um modo cooperativo, conversado, de atuar em situações de conflito.

Nesse fazer, abrem espaço para uma coconstrução de significados e uma revisão de seus modos de estar na escola e na vida. São práticas com metodologias próprias que convidam a acreditar no potencial criativo e colaborativo da criança, do adolescente, do jovem e do adulto.

As linhas de entrada são múltiplas e têm finalidades preventivas da violência e responsáveis à violência: trata-se de trabalhar com temas transversais, introduzir grupos de conversa e de

apoio, construir conjuntamente as regras de convivência escolar, formar mediadores e/ou facilitadores restaurativos nos diversos níveis da hierarquia, inclusive entre estudantes.

A implementação de uma filosofia restaurativa se dá a passos pequenos, pois exige, em grande parte das organizações escolares, um repensar e um reformular das práticas diárias e das crenças que regem a vida escolar. Para sua potência máxima, a articulação em rede dos diversos atores que compõem essa comunidade é vital: funcionários, professores, coordenadores pedagógicos, diretor, famílias, estudantes, consultores de outros planos de ação, rede de apoio local/comunitária etc.

A introdução dessas práticas precisa ser integrada no dia a dia escolar e para que isso aconteça, é essencial que haja um diagnóstico, um plano de ação, a escolha de pontos de apoio e persistência diante das resistências que surgem. Complementares a propostas de desenvolvimento local, gestão participativa, essas práticas falam de um fazer coletivo.

\* *Ana Lúcia Catão*, mediadora, docente e pesquisadora nas áreas de mediação e justiça restaurativa. Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP e pós-graduada em Mediação de Conflitos pela PUC-SP

# A gestão de conflitos e o poder de transformação de uma educação democrática

\* **Patrícia Lacombe**

Para entender os conflitos, preciso entender os grupos? O que é conflito? Como pensar nas relações e antecipar situações?

Educar para transformação está intrinsecamente relacionado a pensar em relações de mais respeito à singularidade, em todos os níveis.

\* *Patrícia Lacombe, pedagoga e artista plástica*

## **Tema: PROJETOS EDUCACIONAIS NA REDE PÚBLICA DO ENSINO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: CONSTRUÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO**

### **O programa "Ler e escrever - prioridade na escola municipal" na Diretoria Regional de Educação - Santo Amaro**

\* **Marta Leonor Vieira**

Histórico da implantação e da implementação do programa "Ler e escrever - prioridade na escola municipal", na Diretoria Regional de Educação (DRE) Santo Amaro, desde 2005 até a presente data.

Serão apresentados dados referentes às metas de formação propostas pela Secretaria Municipal de Educação relacionados ao trio gestor (2005/2006), aos coordenadores pedagógicos (2005 até a presente data), aos professores do ci-

clo I - do 1º ano/TOF e do 4º ano /PIC (de 2006 até a presente data) e dos demais anos do ciclo I (de 2007 até a presente data).

Também serão apresentados registros feitos ao longo deste período, pelas próprias unidades educacionais, no trabalho de acompanhamento do desenvolvimento do programa proposto pela Secretaria Municipal de Educação.

\* *Marta Leonor Vieira, formadora de professores da Diretoria Regional de Educação (DRE) Santo Amaro*

# **Tema: UNIDADE NA DIVERSIDADE: A INCLUSÃO PODE DAR CERTO**

## **Diferenciar para incluir ou para excluir?**

**\* Maria Teresa Eglér Mantoan**

Deslizes que possam ocorrer no entendimento do direito à diferença, com base no que esta significa e durante os processos de diferenciação, criam problemas e caminhos equivocados para os que buscam construir uma pedagogia alinhada aos preceitos inclusivos.

Os processos de diferenciação precisam ser cuidadosamente observados, para que, na intenção de acertar, as escolas acabem se perdendo e caindo em armadilhas difíceis de escapar.

Diferenciar para incluir é possível, quando a aluno ou beneficiário de uma ação afirmativa qualquer estiver no gozo do direito de escolha ou não dessa diferenciação.

Um aluno cego ou com baixa visão, que é o único a usar um computador na sala de aula não está sendo diferenciado e excluído dos seus colegas, se o computador o faz participar das aulas com autonomia e independência, por meio de um leitor de tela, por exemplo. Ele também tem o direito de estudar os conteúdos escolares em Braille, ampliados na fonte, em MP3 e essas diferenciações são aceitáveis, porque não são recursos que o discriminarão em sala de aula.

Há alunos que são diferenciados por participarem de programas de reforço escolar e outros,

cujos estudos são realizados de acordo com atividades, conteúdos, avaliações adaptados e limitados, que professores e especialistas lhes prescrevem, na ilusão de serem capazes de definir e controlar o aprendizado e/ou para não se decepcionarem diante do que ensinam. Há mesmo intervenções que são realizadas por professores de educação especial, que acontecem na sala de aula, durante as atividades diárias e que também diferenciam alunos, excluindo-os da turma, mesmo temporariamente.

Muitos poderão entender que essas diferenciações são para incluir, pois do contrário os alunos seriam relegados pela escola, por falta de atenção às suas necessidades. Ocorre que tais programas, por restringirem conteúdos e atividades escolares, são considerados discriminatórios e excludentes e atentam para a liberdade de o aluno aceitá-las ou não, no período de aula.

Na boa vontade de "customizar" o processo educativo, de modo que se ajuste ao feitio de cada um, a exclusão se manifesta, embora estejamos pretendendo o contrário.

*\* Maria Teresa Eglér Mantoan, docente da Faculdade de Educação Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferenças (Leped/Unicamp)*

# O papel da gestão na inclusão de alunos com deficiência

\* Mônica Lemos Amoroso

É fato que aumenta, a cada dia, o número de crianças e adultos com deficiência matriculados nas escolas. No caso da escola especial para surdos, a demanda é para atendimento a crianças com múltiplas deficiências associadas à surdez e surdocegueira. Se a criança com deficiência, num passado recente, já encontrava barreiras para ser atendida, a com deficiências associadas simplesmente não encontrava nenhuma possibilidade de atendimento em escolas.

E hoje, como é feito esse atendimento? Minha experiência aponta que algumas ações do gestor podem ser de grande eficácia no que realmente é o objetivo primordial em um estabelecimento de ensino: a promoção do desenvolvimento cognitivo do aluno.

A primeira ação da gestão da escola está em levantar quais são os problemas de acessibilidade. Quando digo isso, normalmente as pessoas se remetem ao acesso físico e eliminação de barreiras arquitetônicas. Isso já está mais do que claro.

É preciso fazer um levantamento para verificar quais são as barreiras, visíveis ou não, que impedem um aluno com deficiência a ter o mesmo acesso que um aluno que não tem. Normalmente, a primeira barreira está lá no telefone, quando a família faz o primeiro contato. A escola colocar limites de horário ou apenas alguns dias para atendimento, não é apropriado. Quan-

to mais flexível, melhor. Ao telefone, um sincero "teremos prazer em recebê-los para conhecerem nossa escola" faz muita diferença.

No dia marcado, a família chegará normalmente cansada de receber muitos "nãos". É a hora do sim. É de suma importância que a mãe ou o responsável pelo aluno perceba que este lugar é dele. Isso faz com que se estabeleça uma relação de confiança entre a família e a escola.

Esta é uma das responsabilidades do gestor: preparar seus funcionários, para receber muito bem o aluno e sua família. Conseguimos isso fazendo com que todos participem das formações coletivas e jornadas pedagógicas.

A gestão deve contemplar, no projeto pedagógico da escola, encontros entre professores e pessoal de apoio, bem como de especialistas com os docentes para que se forme uma rede de boas parcerias onde todos ganham. Algumas decisões, como definição da turma onde o aluno será matriculado ou qual o profissional com perfil adequado para atuar com determinada deficiência devem ser coletivas, com a participação de todos os envolvidos no trabalho, como coordenação, direção, docentes e apoio.

É até compreensível a insegurança do funcionário, seja ele docente ou não, diante de casos gravíssimos que temos recebido. Só não é compreensível que essa insegurança seja maior do que o direito da criança de ir à escola ou do nosso dever em recebê-la da melhor forma possível.

Outra ação que depende do olhar atento do

gestor é de que não é possível preparar-se para trabalhar com crianças com deficiência se não convivemos com elas. Para saber suas necessidades, anseios e onde intervir, só estando junto. E o diretor precisa caminhar junto com os demais funcionários tanto na formação quanto no fazer pedagógico. Só assim ele conquistará o respeito e assumirá a liderança no que diz respeito à inclusão. Se participa ativamente, conhecerá as reais dificuldades dos alunos e funcionários e poderá, inclusive, prover recursos materiais,

humanos e de adequação de espaços e tempos.

Desta forma, ampliamos em quase 400% em 3 anos o atendimento a alunos com múltiplas deficiências e oferecemos um trabalho de qualidade aos alunos que podem contar com profissionais comprometidos com a sua aprendizagem e garantir não só o acesso, mas a permanência com qualidade na escola.

*\* Mônica Lemos Amoroso, diretora da Escola Municipal de Educação Especial Helen Keller*

## **Tema: A HISTÓRIA E A CULTURA AFRICANAS NO DESENVOLVIMENTO DO POVO BRASILEIRO LEI nº 10.639/03**

### **Por que das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/09?**

*\* João Batista de Jesus Felix*

Os livros didáticos costumavam trazer as seguintes informações: "O Brasil foi descoberto pelos portugueses, que para colonizarem a nova terra conquistada decidiram explorar a mão de obra dos indígenas, mas estes eram muito preguiçosos e por este motivo o conquistador decide trazer para substituí-los os africanos, que tinham maior propensão para o trabalho". Na continuação desta versão, os escravos africanos eram simplesmente descritos como pacíficos e nada

se fala acerca das resistências, das revoltas e de suas participações nas várias revoltas. Muito menos os quilombos eram lembrados. Neste cenário, ficava fácil se afirmar que a única responsável pelo fim da escravidão em nosso país foi a Princesa Isabel, devido ao seu bondoso coração.

A vinda dos imigrantes europeus, em sua imensa maioria italianos, era creditado à inaptidão dos ex-escravos com o trabalho assalariado, mesmo que eles tenham mantido, por três séculos, a produção agrícola e todas as demais formas de produção em nosso país. Aos índios é

creditada nossa prática de se tomar muitos banhos ao dia e algumas palavras, já para os africanos, ficaram algumas palavras, a culinária e o folclore. Quanto aos europeus estes eram considerados os maiores responsáveis por o sucesso que o país conquistou nas áreas culturais, econômica, social e política.

A este caldo todo devemos acrescentar que era considerado de profundo mau gosto chamar uma pessoa de pele escura de negra ou preta, o bom tom era chamá-la de pessoa de cor. Negra ou preta jamais, quando muito mulata escura, parda escura, morena. Ou seja, a identidade negra estava totalmente abolida da sociedade brasileira.

Todas e qualquer criança negra ou mestiça escura ao ingressar no ensino formal passava por um processo violento de massacre à sua autoestima, pois frente aos seus companheiros brancos de sala, ou de escola, passavam a ser considerada inferior. Seus ancestrais pouco fizeram para o Brasil e eles deviam a uma branca a sua liberdade. Por estes motivos temos as Leis do título deste artigo.

*\* João Batista de Jesus Felix, doutor, professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), onde é coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e do Cineclube da UFT, ambos em Tocantinópolis; militante da Sociedade Comunitária Fala Negão, da Zona Leste.*

## **Conceitos, conteúdos e temas: as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações etnicorraciais e para o ensino de história afro-brasileira e cultura africana na sala de aula**

*\* Antônio Carlos Malachias*

Para além da obrigatoriedade legal as DCNE-RER oferecem ao ensino no Brasil uma possibilidade reinterpretativa da nação e de seus mitos fundadores, realizada a partir de fatos e de sujeitos históricos antes invisíveis aos conteúdos das disciplinas escolares. E outra pedagógica, ao propor uma educação para as relações etnicorraciais, portanto orientada para a convivência respeitosa com a diversidade etnicorracial.

Nessa perspectiva inovadora, além das criações artísticas, culturais, lingüísticas, musicais e outras mais corriqueiramente abordadas, ganha relevância a abordagem sobre a dimensão técnica introduzida pela presença africana no território do Brasil. Estudos recentes sobre africanos e afro-brasileiros revelam a importância dessas contribuições na estruturação do processo de formação econômica, social, política e territorial brasileira.

Dessa forma a palestra busca subsidiar edu-

cadores em relação aos conceitos, abordagens, metodologias, práticas pedagógicas, temas e conteúdos propostos pela LDB alterada pela Lei Federal nº 10.639/2003.

*\* Antônio Carlos Malachias, mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Consultor da Secad/MEC, assessor da SME-SP, pesquisador do Núcleo de Apoio aos Estudos Interdisciplinares sobre o negro no Brasil (Neinb/USP)*

## **Tema: POR QUE SOBRAM VAGAS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES?**

### **Como atrair e manter bons professores no Brasil?**

**\* José Marcelino de Rezende Pinto**

Considerando que a ausência de uma remuneração adequada dos professores é um dos principais desafios da educação brasileira ao longo de sua história, discutiremos, a partir de dados de diferentes países e de distintos parâmetros de comparação, a situação salarial dos professores brasileiros. O que os dados do Brasil indicam é que a remuneração atual dos professores encontra-se muito abaixo daquela de profissionais com mesmo nível de formação, o que é um claro desestímulo ao ingresso e permanência na profissão. Pretende-se avaliar a demanda de recursos financeiros necessários, caso se pretenda uma mudança significativa nos padrões de remuneração de seus professores e demais profissionais da educação.

O desenho proposto aponta para um professor em dedicação exclusiva a apenas um cargo, com um a jornada de 40 horas, cumprida, de preferência, em um mesmo estabelecimento de

ensino. Dessas 40 horas, 26 horas seriam desenvolvidas em atividades de interação com os alunos e 14 horas seriam cumpridas na escola para atividades de planejamento coletivo, ou individual, avaliação de trabalhos, ou para receber familiares, alunos ou para visitas às famílias.

Este formato de jornada corresponde ao que acontece nas redes de ensino de boa qualidade, como é o caso da federal e nas (poucas) escolas privadas, de fato, boas. É isso que acontece também nos países mais desenvolvidos. Sem a identificação de um professor com sua escola e com um grupo não muito elevado de alunos, sem a constituição da equipe escolar como um grupo coletivo de trabalho, dificilmente se melhora a qualidade do ensino.

Algumas diretrizes de financiamento, inclusive, já estão dadas: os próprios organismos internacionais com a UNESCO sugerem um gasto público com educação da ordem de 6% do PIB e a Conferência Nacional da Educação aprovou diretriz de ampliação dos investimentos em edu-

cação pública de forma a atingir, no mínimo, 7% do PIB até 2011 e, no mínimo, 10% do PIB até 2014, com participação proporcionalmente maior por parte da União por ser o ente federado que mais arrecada. Dar esse salto de qualidade no padrão de financiamento e remuneração de nossos professores é plenamente factível dentro da realidade tributária brasileira atual. Conseguir realizá-lo, contudo, depende, essencialmente, de uma mudança nas relações que se estabelecem no dia a dia da escola entre os professores, seus alunos e pais.

Construir uma aliança estratégica entre profissionais da educação, pais e alunos da rede

pública de ensino talvez seja a tarefa mais premente, e também a mais difícil, para todos aqueles segmentos, organizados ou não, que lutam por uma escola pública de qualidade.

*\* José Marcelino de Rezende Pinto, mestre e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) . Atualmente, é professor associado da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Financiamento da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: financiamento da educação, municipalização do ensino, finanças públicas, cidadania e educação do campo.*

## Profissão professor: uma escolha em extinção?

**\* Bernardete Gatti**

Ter um corpo de professores bem qualificados, com carreira e salários adequados é condição para o desenvolvimento de qualquer nação.

O Brasil encara hoje um desafio nessa direção, tanto pela necessidade de ampliação de seu quadro de professores em correspondência com o crescimento das redes de escolarização básica e pelas demandas crescentes por educação escolar, como pela necessidade que terá de substituição de professores que se encaminham para a aposentadoria, que, como mostram os dados, é um número muito grande no conjunto do país.

Um alerta se coloca sobre esta questão quando se considera alguns resultados de pesquisas de amplo espectro que mostram:

1 - baixa atratividade da carreira em várias das regiões do país;

2 - os salários pouco recompensadores ante as suas responsabilidades de trabalho;

3 - carreira não promissora em termos de perspectivas de futuro; e,

4 - a crise formativa que se verifica nos cursos de licenciatura. Sobre esses pontos vamos discorrer em nossa apresentação, levantando alternativas e possibilidades de encaminhamento de políticas que possam ajudar a superar o que se chama hoje de "crise da escola e do magistério".

*\* Bernardete Gatti, doutora pela Université de Paris VII, pós-doutorada na Pensilvannia State University (USA) e na Université de Montreal (Canadá)*

# **Tema: ALFABETO CORPORAL: UMA NOVA FORMA DE LINGUAGEM**

\* **Maria Augusta Sanches Rossini**

É um relato de experiências sobre uma atividade de psicomotricidade que estimula o desenvolvimento humano em seus aspectos bio-psico-social-emocional.

Sabe-se que braços, mãos, postura do corpo,.... enfim, todo o nosso corpo emite sons que nossas vozes não pronunciam. Esta "linguagem" é desenvolvida concomitantemente com o desenvolvimento da percepção de cada um, da consciência que temos de nós mesmos e do mundo que nos cerca.

A movimentação consciente do corpo proporciona conhecimento de suas partes e também do espaço que ele ocupa.

Pela oportunidade de nos expressarmos corporalmente vamos aliviar tensões comunicando nossa natureza interior com o mundo exterior aliviando tensões que sobrecarregam o nosso EU.

Além disso, as ações intencionais dos movimentos de cada letra, dissociadas ou associadas, não envolvem a mobilização simples de certos grupos musculares, como na ginástica.

Os movimentos das letras, bastante significativos proporcionam estímulo ao desenvolvimento do: equilíbrio, postura, coordenação motora, lateralidade, flexibilidade, tonicidade muscular, ritmo e harmonia na expressão corporal.

Sua prática vem de encontro a uma das necessidades humanas fisiológicas: o movimento.

Para formar cidadãos atuantes e conscientes

não basta apenas ensinar os códigos e seus usos distintos na sociedade. É preciso "alfabetizá-los", também, em outras linguagens para que possam interagir de maneira plena em seu grupo social.

Crianças não alfabetizadas são muito beneficiadas com esta atividade psicomotora, pois interiorizam corporalmente o alfabeto antes de se apropriarem do nosso código alfabético.

Praticar o alfabeto corporal é importante e imprescindível nas mãos daqueles que sabem a importância da construção da identidade do indivíduo e do quão necessário é a vivência psicomotora na construção do Aprender e do Ser.

Tópicos a serem abordados:

- as várias formas de comunicação humana;
- o movimento como fonte de informação da consciência;
- como percebemos os espaços: social e pessoal;
- recomendações necessárias antes de praticar o alfabeto corporal;
- apresentação dos movimentos de cada letra do alfabeto corporal e seus significados;
- realização dos movimentos de cada letra do alfabeto corporal;
- sugestões de dinâmicas e outras atividades com o alfabeto corporal.

\* **Maria Augusta Sanches Rossini**, autora de livros que tratam da humanização do ambiente escolar e das relações entre educadores e educandos. Pedagoga, especialista em Administração Escolar com habilitação em Didática, Sociologia da Educação e Psicologia da Educação. Pós-graduada em Administração, Supervisão e Orientação Educacional.

# O corpo fala! Ouviu?

\* Ivo Jordano

"Desde tempos imemoriais, usamos símbolos. São como ferramentas especializadas que a inteligência humana cria e procura padronizar para facilitar a imensa e incansável tarefa de compreender. Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. Também, nosso corpo é, antes de tudo, um centro de informações para nós mesmos. É uma linguagem que não mente!". (Weil)

Não mente, mas pode esconder!

Se nós, adultos e educadores, soubéssemos ler essa linguagem que o corpo está querendo transmitir - ou esconder - com certeza, descobriríamos muito sobre sentimentos, emoções, desejos e intenções das crianças e adolescentes, e chegaríamos à conclusão que, realmente, ninguém mente.

"O gesto é um dos mais importantes canais de comunicação. O corpo tem a capacidade de emitir cerca de 700.000 gestos diferentes; 150.000 a mais que o maior dicionário existente. A comunicação não-verbal, constituída de gestos, posturas, expressões faciais e movimentos, é responsável por 50% de toda a comunicação humana; apenas 7% diz respeito à comunicação verbal (palavras). O restante depende das entonações, intenções etc." (Sanvito)

A linguagem corporal é sintética e, na maioria das vezes, complementar às palavras. Ela pode ser: instintiva, aprendida ou imitada.

O gesto pode ser ainda:

- expressivo >>> faciais, posturais etc.;
- simbólico >>> sinais dos surdos-mudos, o código dos músicos;
- descritivo >>> pedagógico, reforçam a mensagem.

Na Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental, as expressões plástica, musical e corporal são as que prevalecem na comunicação das crianças. Mais tarde, predominam as expressões gráfica e verbal. Mas, a expressão não-verbal, realizada pela postura, gestos, movimentos e expressões faciais, é a que tem mais e maior significado.

As pessoas que lidam com crianças e adolescentes deveriam voltar ao jardim de infância da vida e se realfabetizar na linguagem e na escrita que o corpo fala e escreve.

É preciso ouvir o que este corpo está falando! Observe a criança. Aprenda com ela!

Se começarmos a ler e ouvir o que o corpo do aluno fala, e promovermos um diálogo franco e honesto, estaremos respeitando-o e valorizando-o e, porque não dizer, respeitando e valorizando a nós mesmos!

*Ivo Jordano, professor de Educação Física, especializado em Educação Física Infantil; bacharel em Comunicação Social; coautor das obras "Dinâmicas de grupo e sensibilizações" (Rideel), "Educação Física da pré-escola à universidade" (EPU) e "A criança de seis anos: reflexões e práticas" (Sieeesp). Autor de "Educação Física com música" e "Folclore e movimento - as pessoas, os bichos, as coisas".*

**Tema: PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO DO ESTRESSE NA ESCOLA****Intervenção e prevenção do estresse em sala de aula**

\* **Fernanda Pereira Gonçalves**

\*\* **Alexandra Mari Ito**

\*\*\* **Maria Aparecida Camargo Ribeiro**

\*\*\*\* **Wilson César Ribeiro Campos**

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta para o aumento do estresse no local de trabalho e a influência dos fatores sociais na vida dos trabalhadores.

A profissão docente, assim como outros setores da sociedade, vem enfrentando as mudanças impulsionadas pela introdução de novas tecnologias e da atual organização do mundo do trabalho.

Estes fatores vêm se traduzindo em um aumento das jornadas de trabalho além da necessidade de aquisição e domínio de novos saberes e práticas que trazem aumento no nível de exigências ao profissional professor.

Assim, o estresse ocupacional tornou-se comum nas salas de aula, apontando para o desafio de sua identificação e controle, visando à prevenção de seus sintomas e efeitos sobre a saúde dos docentes.

O tema em questão pretende abordar os prin-

cipais efeitos do estresse ocupacional na saúde dos professores, apontando para aspectos que devem ser observados e considerados, tanto individualmente quanto coletivamente, a fim de proporcionar condições de enfrentamento deste fenômeno.

\* **Fernanda Pereira Gonçalves**, psicóloga clínica, assistente técnica de Educação da Diretoria Regional de Educação Pirituba e professora titular de educação infantil e ensino fundamental da rede municipal de ensino de São Paulo e membro do Grupo Orientação Queixa Escolar.

\*\* **Alexandra Mari Ito**, psicóloga do Serviço Especializado em Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT) da Proguaru, graduada e licenciada em psicologia pela USP, pós-graduada em Saúde Coletiva pela Unifesp, pesquisadora colaboradora do Diesat na pesquisa "Condições de Trabalho e Saúde dos Profissionais da Educação do Ensino Privado do Estado do Rio Grande do Sul".

\*\*\* **Maria Aparecida Camargo Ribeiro**, profissional da Secretaria do Estado da Educação de São Paulo há 31 anos (há 25 anos como professora ensino fundamental I e quatro anos como vice-diretora da Escola Estadual Brigadeiro Gavião Peixoto) e pós-graduada em Psicopedagogia pelo Instituto Sedes Sapientiae.

\*\*\*\* **Wilson César Ribeiro Campos**, membro do Conselho Científico do Diesat, psicólogo pela USP, pós-graduado em Saúde Coletiva pela Unifesp, coordenador da pesquisa "Condições de Trabalho e Saúde dos Profissionais da Educação do Ensino Privado do Estado do Rio Grande do Sul".

# **Tema: A ATUAÇÃO DOS SINDICATOS E O COMPROMISSO COM A ESCOLA PÚBLICA**

## **A ação sindical e o compromisso com as escolas públicas**

\* Gaudêncio Frigotto

O sindicato, a escola, o Estado, etc., como nos ensina Antônio Gramsci, são organizações que fazem parte da institucionalidade da revolução burguesa, mas por ser esta uma sociedade de classes, todos estes espaços são alvo de disputa. O ponto crucial para o sindicalismo é discernir qual o projeto societário e que processo educativo, no conteúdo, no método e na forma, interessa à classe trabalhadora.

O tempo histórico em que vivemos no mundo e no Brasil é de regressão social, de desmedida do capital na violência contra os direitos dos trabalhadores e de uma poderosa investida na mercantilização da educação. O bloco de poder que governa São Paulo expressa de forma competente os diferentes mecanismos que buscam transformar a educação pública de direito social e subjetivo, num serviço mercantil.

Cabe-nos, pois, desvelar quais são estes mecanismos, seu efeito letal para a luta do magistério na concretização da educação que interessa à classe trabalhadora e, qual a agenda de lu-

tas na sociedade e no chão da escola. O foco fundamental nestas lutas é distinguir as mudanças que mudam a realidade para conservar as relações sociais vigentes daquelas que mudam as relações que não querem apenas reformar o capitalismo e escola, mas transitar para novas relações sociais e educativas. Que educação pública e qual sua qualidade que pode se constituir em mediação desta travessia?

Na caracterização do que entendemos por qualidade da educação, não basta dizer que será de qualidade social, pois a educação mercantil também é de qualidade social. Aqui, na direção das disputas da Conae e do PDE, trata-se de qualificar as concepções de sociedade, educação, conhecimento, ciência e tecnologia e as bases materiais necessárias na sua efetivação.

*Gaudêncio Frigotto, doutor em Educação, professor do Programa de pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

## **Tema: CIDADANIA E LITERATURA NA ESCOLA**

\* **Sonia Salerno Forjaz**

A partir da conceituação de cada termo, segundo renomados teóricos, identificar as múltiplas relações que se estabelecem entre eles dentro do convívio escolar e os efeitos que produzem. Para tanto, serão feitas as perguntas: Qual a função da Escola? (que nos levará à questão da Educação); O que é cidadania? (que nos remeterá à Ética); O que é Literatura? (que nos levará a abordar brevemente a questão da Leitura), visando encontrar estratégias, dinâmicas e opções eficientes para a educação escolar.

Da teoria à prática, veremos a Escola como um espaço de convivência de alunos com pessoas mais experientes, lugar de aprendizagem capaz de formar cidadãos autônomos e participativos através da prática do diálogo e com base nos princípios de justiça, respeito e solidariedade; da participação democrática; do compromisso com a liberdade, com a responsabilidade, com os deveres e os direitos humanos, uma vez que só assim o trabalho pedagógico adquire significado e torna viável a construção da cidadania.

Com relação à Leitura, veremos a Escola como o lugar que ensina a ler (dentro) para que o aluno entenda o mundo lá fora e nele se sinta inserido. Espaço que desenvolve a cultura do pensar para um aprendizado contínuo de per-

cepção da vida, de reconhecimento de si e do outro, e vê a leitura como processo de significação e de compreensão, a partir da capacidade particular do homem de interagir com o outro através da palavra. Escola que entende a Literatura como recurso eficiente para vincular ensino e realidade, formar alunos aptos a refletir e a transferir seus conhecimentos para novas situações, e que tem como meta formar leitores autônomos estimulando a sensibilidade, a criatividade, a criticidade e o prazer de ler.

É preciso educar para que cada sujeito esteja ciente de sua identidade, seus limites e habilidades, entenda o mundo e suas contradições e, com seus próprios recursos, seja capaz de encontrar soluções. No processo de aprendizagem, cabe ao professor o papel de mediador, e à Escola o de agente que, enquanto ensina e molda cidadãos capazes, também acata conhecimentos e traços culturais que o aluno traz de fora, para que diferentes realidades se articulem, ampliem e complementem saberes, dando ao processo educativo um caráter libertador.

\* **Sonia Salerno Forjaz**, socióloga, escritora e especialista em Português, Língua e Literatura pela Universidade Metodista de São Paulo.

# Literatura e cidadania

\* Tereza Telles

A educação é, hoje, uma prioridade. Diferentes países promovem reformas em seus sistemas educacionais, com o objetivo de torná-los mais eficientes, no preparo de uma nova cidadania, capaz de enfrentar a revolução tecnológica que está ocorrendo no processo produtivo e seus desdobramentos políticos, sociais e éticos.

No Brasil, a Constituição de 1988 incluiu a Educação, no Capítulo III do Título VIII. De acordo com o Art. 205 da Constituição, a educação é "um direito de todos e dever do Estado e da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Neste trabalho, há sugestões de exploração do texto literário, voltadas para a formação do cidadão. São atividades pedagógicas consideradas propícias para aulas cujo objetivo seja o

no desenvolvimento do educando.

Há, aqui, a proposta de atividades pedagógicas, deflagradas a partir do texto literário, visando à reflexão sobre língua e linguagem, além da busca dos possíveis significados do texto literário, relacionados ao contexto político/social do emissor da mensagem. Enfatiza-se, com estas propostas de atividades de ensino, a visão de que, do mundo da leitura, parte-se para a leitura do mundo. A leitura do mundo é uma condição necessária para o exercício da cidadania. Alguns textos literários serão escolhidos e analisados, considerando as peculiaridades do texto artístico, caracterizado por sua abertura intencional a múltiplas leituras, pela ambigüidade, pela indeterminação e pelo jogo inventivo com o significativo.

\* Tereza Telles, mestre e doutora em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP)

## **Tema: O FEMININO E A PROFESSORA: A MULHER E O TRABALHO DOCENTE**

### **A mulher e o trabalho docente**

\* Déborah Barbosa

A questão do gênero e do trabalho docente é muito discutida e muitos autores acreditam que pode-se dizer que esta é uma profissão feminina.

Esta configuração tem raízes históricas e é importante destacar que a docência contribuiu para a entrada da mulher no mercado de trabalho, sendo uma das principais e primeiras profissões na qual esta pôde mostrar seu valor profissional. Por outro lado, o fato de ter adentrado

o mercado de trabalho não garantiu igualdades de condições e muitas vezes vemos mulheres que ainda ganham um salário abaixo dos salários dos homens, isto sem contar na dupla jornada de trabalho que inclui além do exercício de sua profissão o cuidado com a casa e os filhos.

No caso específico da professora, é importante destacar sua dedicação a este exercício profissional e gostaria de salientar o quanto o "feminino" tem sido alijado de sua real importância, inclusive para melhor exercício profissional.

A questão do "ser mulher" na sociedade contemporânea, sendo professora, é o destaque des-

ta mesa, onde serão enfocadas as características diferenciais relacionadas às questões de gênero e da construção social do ideário feminino e do "se tornar mulher". Para esta discussão serão utilizadas referências de autores do campo da Sociologia, Psicologia e também textos literários, poesias e trechos de músicas com o intuito de discutir a condição da mulher e o trabalho docente.

*\* Déborah Barbosa, psicóloga, mestre em Psicologia Escolar e doutoranda do programa de pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)*

## Os fios dialógicos da linguagem cotidiana tecendo a docência do universo feminino

**\* Glauci Helena Mora Dias**

Para se refletir sobre construção da imagem da mulher no trabalho docente ou, mais especificamente do modo como a docência se alimenta dos discursos do cotidiano, é necessário problematizar os fios dialógicos das leituras e das imagens, linguagem cotidiana, tramados pelo universo social e escolar.

Autores e artistas escrevem, desenham, descrevem e o modo de ler-e-ver de muitos é entrelaçado por interpretações que constituem modos femininos para a docência. Vale destacar que o atual contexto é marcado por transformações no mercado industrial, econômico e político resultante de um processo de globalização que vêm interferindo nas estruturas familiar e escolar, possibilitando mudanças.

Como a escola é o foco, é nela que se encontra a figura feminina docente, que ora desempenha sua função profissional e ora sua função de dona de casa nesse complexo contexto social de mudanças. Assim, importa descrever que formas femininas são edificadas, reforçadas, discriminadas, polemizadas e imaginadas pela linguagem cotidiana para se analisar como se dá a construção docente sócio-histórica e cultural e como isso reflete na profissão docente. Além disso, em meio a tantas reflexões sobre o trabalho do professor nessa época de grandes transformações sociais e tecnológicas, importa despir as vestes com que pintaram os sentidos do feminino na educação para que se possibilitem novos olhares.

Olhares que construam o autoconhecimento e autolapidação do ser docente para uma consciência do seu estar no mundo e ser desprovido

da tinta social, que sufoca, oprime e pintou os sentidos de um viver irreal.

Com uma reflexão contextualizada e sentida sobre os fatores interferentes na profissão docente, principalmente no que tange à insatisfação, amplia-se a compreensão sobre a condição de ser professora, redimensionando o seu papel na busca de um ensino de qualidade em uma escola real com seus conflitos e significa-

dos. Dessa maneira, em processo de refutação do estabelecido, o ser humano docente poderá constituir-se como sujeito do próprio fazer pedagógico.

*\* Glauci Helena Mora Dias, mestre pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), professora da Veris Faculdades e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento (Geal-USP)*

## **Tema: OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO/ATUAÇÃO DOCENTE FACE ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

**\* Maria de Fátima Barbosa Abdalla**

A proposta desta temática é discutir quais os desafios/impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na formação e atuação docente, buscando problematizar sua inserção no trabalho dos professores e em novas formas de ensinar e aprender. Neste sentido, destacam-se algumas questões: de que modo as TICs podem alterar o trabalho docente e as relações entre professores, alunos e o saber? De que maneira as TICs alteram as maneiras do professor ser e estar em sua profissão (ABDALLA, 2006)? E de que forma as TICs contribuem para mudar a atuação do professor em sala de aula ou fora dela?

Para buscar algumas respostas, é preciso pen-

sar em, pelo menos, dois caminhos, que se complementam.

O primeiro propõe rever a legitimação que se deu à integração das TICs por conta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que legitimou a educação a distância, desencadeando uma série de políticas públicas e programas de formação, intensificando o seu uso (BELLONI, 2001; KENSKI, 2007; MORAN, 2007).

O segundo destaca alguns desafios para a formação/atuação docente, que alteram a organização temporal e espacial da sala de aula, as relações entre professores e alunos, e, sobretudo, as formas de ensinar e aprender. Entretanto, o desafio maior é o de integrar as TICs nas instituições educativas de modo a criar condições de

acesso facilitado e oportunizar novas formas de ação e emancipação humana.

Por fim, é preciso considerar que o problema não é o simples domínio das tecnologias, mas propósitos e ações para que se promovam aprendizagens significativas para professores e alunos.

### Referências

ABDALLA, M.F.B. O senso prático de ser e estar na profissão. São Paulo: Cortez, 2006. (Questões da Nossa Época, nº 128)

BELLONI, M.L. Educação a distância. Campinas: Autores Associados, 2001.

KENSKI, V. M. Educação e Tecnologias: o

novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, J.M. Os modelos educacionais na aprendizagem on-line. 2007. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelo.htm>. Acessado em: 12 de dezembro de 2008.

*\* Maria de Fátima Barbosa Abdalla, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), pós-doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenadora do PPGE da Universidade Católica de Santos, segunda-secretária nacional da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfope) e pesquisadora associada ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação da Faculdade Carlos Chagas (Ciers-Ed/FCC)*

## Mídia e educação: por que e para quê?

\* Marcus Tavares

Antes da invenção do primeiro sistema de escrita, o ser humano já contava suas histórias. Ao lado da linguagem oral, esculpir figuras e símbolos em pedra, madeira ou argila era uma das principais formas de expressão. O surgimento da escrita veio valorizar ainda mais essas histórias, que adquiriram maior perenidade. Ao longo dos séculos, o processo foi sendo aperfeiçoado. Com o advento do cinema, do rádio, da TV e da internet, as narrativas ganharam imagens, cores, sons, movimentos e interatividade.

Hoje, o avanço tecnológico propicia à população o acesso aos meios de produção. O Era uma vez pode ser criado e recriado por todos, a qualquer instante e em diferentes formatos. O pro-

cesso de contar histórias torna-se mais simples, divertido e democrático; mas, ao mesmo tempo, complexo, pois se exige dele responsabilidade e compromissos éticos, estéticos e políticos. Afinal, as narrativas produzidas entretêm, informam e propagam idéias, valores e concepções de vida, influenciando a constituição de identidades, principalmente, de crianças e jovens.

O que isso tem a ver com a escola?

Muito mais do que você imagina.

Com a televisão ligada, crianças e jovens escutam músicas no MP3, teclam no MSN, no Orkut, navegam e pesquisam na internet, enviam e recebem torpedos, produzem conteúdos, postam vídeos no You Tube e, de quebra, estudam. Ou-

tros ainda encontram espaço para os games.

Conectado aos meios de comunicação, crianças e jovens aprendem, articulam e interagem com informações, conhecimentos e valores de forma diversa das gerações anteriores. A sociedade da comunicação e da era globalizada propicia o desenvolvimento de novos processos de aprender, de novos pensadores.

Creio que não cabe polarizar a discussão entre certo ou errado, positivo ou negativo. Acredito que seja importante, sim, constatar esses novos processos e, feito isso, perceber a necessidade de se estabelecerem novas realidades, es-

paços, parâmetros, desafios e trocas sociais e educacionais.

Afinal, o que prende as crianças e os jovens aos meios de comunicação? Qual é a chave do encantamento? Por que as informações, os conhecimentos e os valores propagados pela mídia, muitas vezes, geram mais impacto, penetração, transformação e memória do que o conteúdo mediado pela escola?

*\* Marcus Tavares, doutorando em Educação (PUC-RIO), professor e jornalista*

## **Tema: EDUCAÇÃO FÍSICA: COMPETIÇÃO E/OU COOPERAÇÃO**

*\* Roberto Rodrigues Paes*

O esporte tem cada vez mais evidenciado seu crescimento e ampliado seus significados. Enquanto fenômeno sociocultural neste início do terceiro milênio tem sido abordado em diferentes dimensões. A evolução do esporte indica para a necessidade de tratarmos deste fenômeno levando-se em conta sua pluralidade.

O esporte deixa de ser visto como uma prática esportivizada repetitiva e passa a ser o objeto de estudo de pesquisadores, buscando compreendê-lo nas suas múltiplas possibilidades. Esta introdução faz-se necessária para a compreensão do esporte na perspectiva de contribuição para a melhoria de qualidade de vida do cida-

dão, sem cometermos mais uma vez o equívoco de dar a este fenômeno um tratamento singular, restringindo suas possibilidades à formação de atletas.

Na palestra, pretendemos discutir a temática, tendo como cenários a educação formal no Brasil. O esporte no contexto educacional pode ser compreendido numa perspectiva de educação permanente, pois é desta forma que ele poderá contribuir para o desenvolvimento integral de crianças, jovens e adultos, atuando desde a iniciação, proporcionando os primeiros estímulos, despertando na criança o interesse pelo esporte, chegando até mesmo à terceira idade, quando este fenômeno poderá interferir na busca de uma melhor qualidade de vida dos prati-

cantes. Independente da agência facilitadora da prática do esporte, a iniciação configura-se como um momento importante no processo educativo de crianças e jovens. Nesta concepção, estamos convencidos da necessidade do esporte ter um tratamento pedagógico, sendo dimensionado da forma mais abrangente possível.

A iniciação esportiva é um assunto muito discutido, e cada vez mais preocupante. Um dos focos de estudo sobre o tema diz respeito à especialização precoce. Outras preocupações também têm sido norteadoras de trabalhos com e sem rigor científico, entre elas: a competição exarcebada, a busca de plenitude atlética em crianças ainda em formação, a cobrança de resultados, as pressões psicológicas sobre os praticantes, pressões essas exercidas pelos pais e técnicos, além da seletividade precoce.

Os problemas citados são indicadores da relevância de uma discussão pedagógica sobre o esporte. Neste contexto, a palestra abordará o esporte como um fenômeno sociocultural de múltiplas possibilidades. Será dada ênfase à função social do esporte e, a questão central não será simplesmente como, o quê ou quando ensinar esporte; mas sim, como o esporte poderá contribuir no processo de educação dos nossos alunos.

Pretendemos, ainda, discutir o jogo como facilitador de uma pedagogia do esporte que apresentará como eixo dois referenciais: metodológico e socioeducativo.

*\* Roberto Rodrigues Paes, mestre em Educação; doutor em Educação Livre e docente em Educação Física*

## **Jogos cooperativos - para jogar uns com os outros e venSer..... juntos!**

**\* Fábio Otuzi Brotto**

Os jogos cooperativos surgiram da preocupação com a excessiva valorização que a sociedade moderna atribui à competição.

Temos competido em lugares, com pessoas, em momentos que não deveríamos, como se essa fosse a única opção.

Ao contrário de ser uma característica única e inerente à espécie humana, a competição e a cooperação, são valores culturais, ou seja, são valores e atitudes construídas pela educação formal e informal.

De acordo com Terry Orlick, não ensinamos nossas crianças a terem prazer em buscar o conhecimento; as ensinamos a se esforçarem para conseguir notas altas. Da mesma forma, não as ensinamos a gostar dos esportes; as ensinamos a vencer jogos.

A hipervalorização da competição se manifesta nos jogos através da ênfase no resultado numérico e na vitória. Os jogos se tornaram rígidos e organizados, dando a ilusão que só existe uma maneira de jogar.

Os jogos, em sua maioria, são verdadeiros campos de batalha, capazes de eliminar a diver-

são e a pura alegria de jogar. Estruturados para a eliminação de pessoas e para produzir mais perdedores do que vencedores, muitos jogos se tornaram um espaço para tensão, derrota, ilusão de ser melhor ou pior que alguém e para sentimentos como raiva, medo, frustração, fracasso, rejeição e animosidade.

Se fizermos um balanço de nossas experiências de jogar, na escola ou fora dela, verificaremos que pendem muito para o lado dos jogos competitivos.

Nem sempre os programas de educação física, esporte ou recreação dão ênfase às atividades que promovam interações positivas, colaborando para que a competição deixe de ser um comportamento condicionado, oportunizando a percepção e o exercício de outras formas de nos relacionarmos com as pessoas, com a natureza e com a gente mesmo.

Os jogos cooperativos são jogos com uma estrutura alternativa em que os participantes jogam COM o outro, e não contra o outro.

Joga-se para superar desafios e não para derrotar os outros; joga-se para se gostar do jogo e

pelo prazer de jogar. São jogos em que o esforço cooperativo é necessário para se atingir um objetivo comum e não para fins mutuamente exclusivos.

Tomados como um processo, pode-se aprender a considerar o outro, a ter consciência dos seus sentimentos e a operar para interesses mútuos.

Estes jogos são estruturados para diminuir a pressão para competir e a necessidade de comportamentos destrutivos, para promover a interação e a participação de todos, e deixar aflorar a espontaneidade e a alegria de jogar.

Os jogos cooperativos são jogos de compartilhar, unir pessoas, jogos que eliminam o medo do fracasso e que reforçam a confiança em si mesmo e nos outros. Todos podem ganhar e ninguém precisa perder.

Dessa forma, os jogos cooperativos resultam no envolvimento total, em sentimentos de aceitação e vontade de continuar jogando.

Sintetizando, podemos relacionar os jogos cooperativos e os jogos competitivos observando suas principais características:

### **JOGOS COOPERATIVOS**

VISÃO DE QUE "TEM PRA TODOS"

OBJETIVOS COMUNS

GANHAR JUNTOS

JOGAR COM

CONFIANÇA MÚTUA

TODOS FAZEM PARTE

DESCONTRAÇÃO/ATENÇÃO

SOLIDARIEDADE

DIVERSÃO PARA TODOS

A VITÓRIA É COMPARTILHADA

VONTADE DE CONTINUAR JOGANDO

### **JOGOS COMPETITIVOS**

VISÃO DE QUE "SÓ TEM PRA UM"

OBJETIVOS EXCLUSIVOS

GANHAR SOZINHO

JOGAR CONTRA

DESCONFIANÇA / SUSPEITA

TODOS À PARTE

PREOCUPAÇÃO/TENSÃO

RIVALIDADE

DIVERSÃO ÀS CUSTAS DE ALGUNS

A VITÓRIA É UMA ILUSÃO

PRESSA PARA ACABAR COM O JOGO

Em geral, tivemos poucas chances de participar de jogos cooperativos de uma forma sistematizada. Por isso, é importante desenvolver uma PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO.

Aprendendo a jogar cooperativamente podemos descobrir inúmeras possibilidades de criar processos facilitadores da participação e inclusão.

Através da modificação gradativa das regras e estruturas básicas do jogo, podemos criar um clima de aceitação mútua entre os jovens praticantes, incentivando-os a refletir sobre as possibilidades de transformação do jogo, na perspectiva de melhorar a participação, o prazer e a aprendizagem de todos. Além disso, uma Pedagogia da Cooperação pode ajudá-los a dialogar, a decidir em consenso e a praticar as mudanças desejadas.

Exercitando a reflexão criativa, a comunicação sincera e a tomada de decisão por consenso, para aprimorar o jogo, as crianças e os jovens - e nós, educadores, também - poderão descobrir que têm plenas condições de intervirem positivamente na construção, transformação e emancipação de si mesmos e da comunidade onde convivem.

Todo tipo de jogo tem uma intenção que ultrapassa os limites do campo e da quadra. As-

sim, é importante perceber quais os valores que estão por trás dos jogos e a que tipo de propósitos as atividades estão servindo. Além de conhecer o jogo é preciso reconhecer a que e a quem ele serve.

O propósito essencial dos jogos cooperativos é colaborar para a construção de um mundo melhor para todos... sem exceções, no qual "se o importante é competir, o fundamental é cooperar."

Jogando dentro desse estilo cooperativo podemos desfazer a ilusão de sermos separados e isolados uns dos outros e percebermos o quanto é bom e importante sermos nós mesmos, respeitar a singularidade e JOGAR PARA VENSER..... JUNTOS!

### **PROJETO COOPERAÇÃO - Comunidade de Serviços Ltda.**

*\* Fábio Otuzi Broto, cofundador do Projeto Cooperação - Comunidade de Serviço, mestre em Educação Física pela Unicamp, bacharel em Psicologia pela Universidade São Marcos e licenciado em Educação Física pela Fefisa*

# **Tema: A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA COMO FORMA DE EXPRESSÃO E REGISTRO**

## **Fotografia e literatura como ferramentas de aprendizagem**

**\* João Correia Filho**

Mesmo em meio a um verdadeiro turbilhão de imagens que tem representado o advento da fotografia digital, a linguagem fotográfica ainda é pouco explorada como ferramenta de aprendizagem, principalmente se considerarmos o grande poder de síntese que a imagem pode proporcionar.

Utilizando a literatura como tema de seus trabalhos, o fotojornalista João Correia Filho faz

a transposição entre as duas linguagens (escrita e visual) e mostra como o poder de síntese da fotografia pode auxiliar na aprendizagem e na compreensão de várias áreas do conhecimento. Desenvolve, ainda, a partir de textos de grandes escritores, um trabalho de sensibilização para a imagem e suas inúmeras possibilidades como instrumento de expressão artística, profissional ou pessoal.

*\* João Correia Filho, repórter fotográfico*

## **Algumas experiências do uso de fotografias em sala de aula**

**\* Márcia Dias da Silva**

O espaço da escola, enquanto microestrutura de nossa sociedade, sempre esteve em processo de mudanças. Porém, a velocidade com a qual estas se processam nos dias de hoje angustiam o professor, que muitas se sente incapaz de acompanhá-las. Isso fica mais evidentes no caso das novas tecnologias, que em muitas situações, se

tornam "inimigas" do professor na sala de aula. Entretanto, a existência e posse por parte dos nossos alunos de uma infinidade de recursos tecnológicos não proporcionou uma automática independência ou descarte da figura do professor.

O objetivo dessa comunicação é discutir as diferentes possibilidades do uso da fotografia em sala de aula, não apenas para que o professor tenha tais recursos como seus "aliados", mas, prin-



